



Especial Prémios Fazemos Bem

destaques :

A conferência dos Prémios Fazemos Bem 2015, dedicada ao Setor Terciário, realizou-se no dia 10, na Exponor.

“Temos a constante vontade de remar pelo melhor da energia e da aquilo que existe. Esta iniciativa está precisamente no centro destes nossos objetivos”
José Carlos Lourenço
COO do Global Media Group

“Portugal tem duas valências a explorar: o capital humano e o território. Há que ser mais criativo de modo a aumentar exportações por via de uma cadeia de valor acrescentado”
João Vieira Lopes
Pres. Confederação do Comércio e Serviços

“Nos negócios, o ideal é saber ter um foco mais abrangente e conseguir diversificar”
Filipa Frois Almeida
Cofundadora da FAHR 021.3

“É imperioso que apareçam instrumentos de apoio para as empresas de serviços e para que estes negócios possam exportar e aproveitar as oportunidades que as novas tecnologias abriram”
Francisco Carballo-Cruz
Docente da Universidade do Minho

“É importante que as empresas comecem a trabalhar em torno de uma estratégia coletiva e criem massa crítica para vender o seu território”
Celeste Pereira
Diretora da Greengrape

Alberto Castro



Alberto Castro contesta a divisão tradicional entre o que é serviços e indústria, uma vez que já não reflete a realidade da nova economia

“O tecido produtivo é hoje muito mais denso”

► Considera que as tecnologias de informação e comunicação, assim como a globalização, provocaram transformações que vieram dar origem a uma espécie de “economia híbrida”, esbatendo “as fronteiras tradicionais entre o que era indústria e o que era serviços”. De modo a “não perdermos o comboio”, Alberto Castro, chairman do banco de fomento e docente da Universidade Católica do Porto, alerta para a necessidade de começar a compreender melhor o fenómeno da “servitização” e sublinha que as políticas públicas e incentivos financeiros devem saber ajustar-se a esta nova realidade.

Referiu que o desenvolvimento das economias em paralelo com a globalização trouxe uma série de desafios ao nível da organização por setores de atividade. Por quê?

Com a evolução das tecnologias de informação e comunicação, o Mundo tornou-se mais pequeno. E depois, quando lhe tirámos barreiras, o Mundo globalizou-se. Isso

permitiu que a especialização, que sempre foi uma ideia base da economia, perdesse força. Em vez de termos um país a fazer vinhos e outro a produzir tecidos, passamos a ter várias fases dentro da mesma cadeia de valor em diferentes países. Por outro lado, a massificação do consumo e o correspondente aumento da procura levaram a que não bastasse ter apenas produtos, mas que estes produtos tivessem características e atributos que pudessem atrair essa procura. A combinação disto tudo resultou numa espécie de economia híbrida, onde há um suporte material, mas também todo um conjunto de aspetos associados que são imateriais.

Em que consiste essa economia híbrida?

Muitas vezes, principia exatamente na ideia que se tem do produto e vai da frente para trás. Mas também pode partir de um produto que, ao descobrirem-se alguns outros atributos, pode passar a servir melhor determinadas necessidades. Esta combinação de tecnolo-

gia, da globalização, da evolução da gestão e das necessidades dos consumidores, levou à criação de um tecido produtivo muito mais denso, onde se esbateram completamente as fronteiras tradicionais entre o que era indústria e o que era serviços.

A que se está a dar o nome de “servitização”...

É uma expressão que os especialistas em gestão usaram para mostrar esse cruzamento entre bens e serviços. Antigamente, dizíamos que os produtos eram bens ou serviços. Agora, dizemos que são bens e serviços. Mas mais do que bem e/ou serviço, surgem agora soluções que podem estar na relação entre empresas, como é o caso da IBM, que fornece soluções de negócio para outras companhias, ou na relação entre empresas e consumidores. Por exemplo, ao vender-se uma estadia num hotel, também se pode vender complementarmente outros serviços, como passeios, piscina coberta, andar a cavalo ou a visita a uma

quinta biológica. Hoje em dia, existem muitas relações económicas deste tipo e por isso é que defendo que devem ter reflexos em termos de políticas públicas sob pena de perdermos o comboio.

Disse mesmo que o “homem não deve separar aquilo que a economia juntou”. Este é um aspeto que considera importante em futuras atribuições de incentivos e decisões políticas?

Se dermos incentivos para se fazer o tradicional, é isso que se vai fazer. A política económica terá de ler e perceber a realidade atual e definir políticas consequentes e coerentes com essa realidade sob pena de continuarmos a fragmentar e criar especializações que fazem pouco sentido nestes novos desenvolvimentos. Sobretudo porque é nestes novos modelos que se encontra muito valor acrescentado, sendo que uma boa parte do contributo vem do lado dos serviços e não tanto das soluções que são feitas de forma muito estandardizada. ●



“Vivemos uma espécie de economia híbrida, onde há um suporte material, mas também aspetos associados que são imateriais”

“Esbateram-se as fronteiras tradicionais entre o que era indústria e o que eram os serviços”

“Este novo tipo de relações económicas deve ter reflexos em termos de políticas públicas”

Alberto Castro
Banco de Fomento